

# O Belo e o eterno

**Valter José**

Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo

Proust escreveu no *Éloge de la Mauvaise Musique* (texto XIII do *Les Plaisirs et les Jours*) que a música considerada ruim e má pelas pessoas de bom gosto tem, mesmo assim, seu valor secreto.

Valor que nem sempre tem a ver com a estética, mas com o sentimento que emerge na interioridade do ouvinte, que nem sempre confessa em público o seu apego a uma canção que ocupa alguns dos primeiros lugares das FMS nas barulhentas paradas de sucesso das dezoito horas.

Tantas vezes, de carona no banco de trás no carro de um amigo, ouvimos dois compassos da música de que secretamente gostamos, antes que infelizmente os dedos do motorista toquem o dial digital para mudar de estação. Com a certeza de que nos está fazendo um favor bem intencionado nos poupando de algo desagradável.

Chegando em casa, ficamos finalmente à vontade para ouvir aquela canção: a única coisa interessante

em um CD com dezesseis músicas que repetem a mesma aborrecida ladainha de amor prá cá e amor prá lá.

Sem dúvida que a nossa música preferida divide igualmente com as outras o pecado do sentimentalismo barato, redundância que se manifesta através da retórica pobre de artifícios dos pagodeiros, que também a usam quando precisam do perdão de suas esposas e namoradas oficiais, por ocasião das suas simpáticas infidelidades.

Assim como também precisam deste recurso sofisticado e antiplatônico como preâmbulo para a posse das adolescentes e das divas loiras de cabelos oxigenados (que precisam disso para seus currículos), recurso que fará os olhos da audiência verterem sinceras lágrimas, quando as mães dos seus filhos ilegítimos forem à televisão reclamarem as necessárias pensões.

Usando o mesmo palavreado oco que ouviram momentos antes do apressado encontro, testemunhado por uma seleta dupla de guardadores

de carros, que permaneciam em monástico silêncio enquanto viam pelo pára-brisa da BMW branca as pernas claras abertas em v da moça, o único ser humano cuja cor combinava com a BMW. Os outros humanos presentes eram negros em combinação com a noite escura, densa e cínica.

Apesar de todo o nosso conhecimento e consciência da totalidade mesquinha da indústria cultural e sua técnica de lançar no mercado produtos de qualidade duvidosa, mesmo assim não há como não gostar desse gênero de música mesmo sabendo da realidade pouco favorável que lhe serve de astidor.

Mas para que realidade? Para que serve a totalidade dos fatos? Nada é mais importante que as sensações de permanência e eternidade que tomam conta dos ouvintes quando ouvem as chamadas "babas".

O mesmo Marcel Proust, no texto já citado, argumenta que as músicas ruins, como os maus romances, são os artigos baratos que estão sempre à mão quando a tristeza preenche as almas outonais, acometidas de delírios acústicos visuais, ao verem na desolação extática de uma tarde de domingo "as mesmas invisíveis mensagens de amor" que amenizam em todos a solidão atroz.

Não há como resistir quando, sob o sol outonal do mês de maio, ouvimos esses versos:

*Procura-se um amor  
Que tenha cor de mel  
Veneno no sabor  
Açúcar pro meu fel*

*Procura-se um amor  
Prá vida inteira  
A luz intensa feito o sol e o luar*

*Procura-se um amor  
Prá vida inteira  
Paixão imensa feito o céu, feito o mar.<sup>1</sup>*

A intensidade e a imensidão são sentidas realmente e criam um efeito de sonho cálido, independentemente do mel, sabor, cor e fel: antigos clichês nas vozes de Maria Bethânia e Ivan Lins. Mas que na voz sincera do "Perry Como do pagode", infesta nos ares o efeito Frank Sinatra: uma sensação acústica que se junta ao ar extático e solene do céu azul.

Liturgia lisérgica com ingredientes baratos comprados nas banquinhas imundas dos camelos atarefados nas imediações da Estação da Luz: voz simples, despreensão poética, indiferença pela grandiosidade e pela eloquência.

<sup>1</sup> "Procura-se um amor" de Carica e Prateado.

Sem ciência, sem Estética,  
ótima sensação reina na alma do  
ouvinte. A sensação do eterno que  
mantém seus mistérios, ao aparecer  
inexplicavelmente nesse ambiente  
modesto e indigente. Reinando na  
terra melancólica e modesta.

*Não sei por que  
Nosso amor não pode ser diferente  
Pois sei que a gente sonha*

*Nosso amor pode durar para sempre  
Então por que não volta  
Pra que eu possa me entregar  
Te sentir em minha vida*

*Eternamente.*<sup>2</sup>

Parece que o cânone desse de gênero  
de música consiste em tomar uma voz  
triste, um ritmo de samba ao fundo, que  
de forma alguma venha contrastar com  
a leveza romântica dos violinos.

Entretanto, não interessa realmente  
a técnica musical usada, mas a sensação  
que o ouvinte tem, sensação que o  
eleva às alturas, que o leva além do que  
é absolutamente descolorido e extático.

Quando a boca do artista canta:  
"Nosso amor pode durar para sempre".  
Ou quando canta: "Procura-se um  
amor / Pra vida inteira". A sensação  
dos ouvintes deve ser entendida no  
contexto de uma tarde ensolarada

de domingo na região do Parque  
Santa Madalena; quando se vê ante  
as ruas desiguais e esburacadas, um  
número grande de casas de alvenaria.  
Enquanto os braços são tocados pelo  
vento frio da tarde. Que desamparo!  
Invariavelmente essas canções têm  
como tema o amor, com todos os  
clichês possíveis. Mas as sensações que  
elas criam nos ouvintes não são nada  
fugidias, pois são sensações que estão  
bem além do meramente romântico e  
pegajoso.

O amoroso que parece ser o sujeito  
dessas canções, o amoroso, que parece  
tristemente reivindicar o eterno, que  
canta o desejo impotente de voar ("Se  
eu tivesse o poder / De voar com você"),  
que sofre de tristeza "light" e ritmada,  
está transformando a matéria medíocre  
em memória, está fazendo persistir o  
azul da tarde em luz maravilhosa que dá  
movimento misterioso fazendo durar o  
som, aliado ao momento que persiste,  
tornado-o tempo.

Além disso esse amoroso tem mais  
um heroísmo: o heroísmo trovadoresco.  
Trovadoresco pela malandragem de  
não almejar de forma alguma a posse  
do assim chamado objeto de seu amor.  
A posse da amada não tem eternidade  
nenhuma, o que é eterno é o momento  
em que o som ganha os ares e toca  
as nuvens, essa beleza eterna é a que  
realmente conta.

<sup>2</sup> "Eternamente" de Régis Danese e Luís Cláudio.

**Resumo** *Esse texto é um "pastiche" que emula o "Éloge de la mauvaise musique" de Marcel Proust (texto número XIII de Les plaisirs et les jours). É uma tentativa de análise metafísico-literária da obra do cantor Belo, faminto de eternidade.*

**Palavras-chave** *Proust, Belo, pagode, beleza eterna*

**Abstract** *This paper is a "pastiche" that emulates the "Éloge de la mauvaise musique" (text number XIII of Les plaisirs et les jours) by Marcel Proust . It's an attempt of metaphysical literary analysis of Belo's son , with his eternity's hunger.*

**Keywords** *Proust, Belo, "pagode", eternal beauty*

